

BONES: UMA LEITURA POSITIVISTA DO MUNDO

Glaucenilda da Silva Grangeiro¹

RESUMO

É imprescindível o reconhecimento da importância alcançada pela ciência ao longo dos últimos anos. Grandes avanços nas áreas tecnológicas, da medicina e da comunicação foram realizados. Mas, a ciência tem respostas para tudo? O diálogo entre historiografia e mídia, na contemporaneidade, tem se tornado uma das possibilidades de pesquisa das práticas culturais. É a partir dessa perspectiva que nos propomos a fazer uma breve discussão acerca do seriado americano *Bones* e sua protagonista, a Dra. Temperance Brennan, sob a óptica de suas afirmações positivistas sobre a razão e a ciência.

Palavras-chaves: Ciência - Positivismo - Razão - História

1. Introdução

Os seriados televisivos vêm ganhando cada vez mais destaque na mídia ao longo dos últimos anos. Primeiramente considerados como “enlatados”, assim chamados devido a sua produção em massa, vem se destacando em termos de qualidade que pode equiparar-se a uma qualidade cinematográfica.

Constitui-se em uma excelente ferramenta de trabalho e pesquisa aplicados na sala de aula. Por terem em torno, geralmente, entre 45 a 50 minutos e apresentarem histórias que podem ser compreendidas individualmente, são uma boa opção de encaixe no horário de uma aula, que tem por volta da mesma duração. Nos últimos anos, surgiram algumas séries que trazem temáticas que podem gerar debates dentro da sala de aula, e, ao mesmo tempo, servirem como objetos de pesquisa para os alunos.

Dentre esses seriados gostaríamos de evidenciar *Bones*², um seriado televisivo exibido pelo canal americano *Fox* e que tem como centro de seu enredo o uso da ciência

¹ Graduada em História pela UEPB. (glaucy.grangeiro@yahoo.com.br)

² Série televisiva estadunidense exibida pelo canal Fox, exibida também no Brasil pela Fox Brasil e atualmente pela TV Bandeirantes. É transmitida desde 2005 e atualmente foi encerrada a sua quinta

para investigação de casos de assassinatos pertinentes ao FBI. A Dra. Temperance Brennan, protagonizada pela atriz norte-americana Emily Deschanel, é uma antropóloga forense do *Jeffersonian Institution* que possui a habilidade de descobrir a identidade de pessoas mortas através dos seus ossos.

A sua capacidade profissional é inquestionável, no entanto, ela deixa muito a desejar no campo das relações sociais. Descrevendo-se sempre como uma “empirista lógica”, Brennan é o oposto do seu parceiro de trabalho, o agente especial do FBI, Seeley Booth, interpretado pelo ator americano David Boreanz. Ele é um homem que age mais comumente com a emoção do que com a razão, por isso consegue entender tão bem as pessoas à sua volta, os diálogos cheios de jargões científicos deixam Booth quase sempre por fora do assunto. Traz para a série a dicotomia entre ciência e emoção. Ele é católico praticante, o que provoca constantes discussões sobre religião x ciência com sua parceira de trabalho, que responde a todos os seus argumentos de forma lógica e científica.

Os demais personagens principais também pertencem ao mundo da ciência. Jack Hodgins, interpretado pelo ator T.J. Thyne, é um especialista em descobrir evidências através de lamas e vermes. Zach Addy, interpretado por Eric Millegan, inicialmente é um estudante de pós-graduação, orientando de Brennan, ao longo da série consegue seu doutorado em antropologia forense. É muito inteligente, no entanto, também não consegue interagir socialmente. Camille Saroyan, interpretada pela atriz Tamara Taylor, é a chefe do laboratório, médica legista, sempre entra em atrito com a Dra. Brennan pela discussão do que seria mais importante como prova científica: tecidos moles ou ossos. Ângela Montenegro, Michaela Conlin, é especialista na reconstrução facial através do seu programa holográfico de imagens, usado para simular os cenários dos crimes e reconstituir o rosto das vítimas. É a melhor amiga de Brennan. Ângela procura apresentar para ela a vida social, o uso de gírias e expressões não científicas e lhe aconselha sobre relacionamentos. Esta personagem serve como um escape para o humor dentro da série. Lance Sweets, Jonh Francis Deley, é um psicólogo do FBI que inicialmente tinha como função estudar a complexa relação entre Brennan e Booth, porém, pela exímia capacidade analítica e carisma do personagem se incorporou ao elenco, auxiliando os protagonistas em traçar perfis psicológicos dos suspeitos.

temporada. A história é levemente baseada na vida da médica legista Kathy Reichs, que é uma das produtoras do programa.

Diante dessa perseverança na ciência, podemos indagar o seu papel de única fonte verdadeira sobre os fatos, atribuído pela protagonista da série. Ela explica tudo mesmo em nossas vidas ou podemos pressupor a existência de uma subjetividade ilimitada de acontecimentos. Brennan afirma que o “o Booth gosta de dizer que ‘há mais coisas entre o céu e a terra, Bones, do que sonha sua vã ciência’” (2x17 - *A razão*), plagiando a famosa frase do dramaturgo e escritor inglês William Shakespeare, em sua peça Hamlet: "Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que supõe a tua vã filosofia". Para a nossa personagem a ciência é a única fonte de verdade para explicar todos os fatos existentes e esses “mistérios” nada mais seriam do que uma falha no nosso pensamento lógico.

Essa forma positivista de ver o mundo traz sérias consequências para Brennan, pois, ela não consegue lidar com suas emoções justamente por não estarem sujeitas a experiências laboratoriais. O lado emocional é uma de suas grandes dificuldades. No entanto, no decorrer da série ela vai aos poucos aprendendo a lidar com essa situação, graças à ajuda do seu parceiro, Booth.

2. As bases do pensamento Positivista

A doutrina filosófica Positivista consiste na defesa da ideia, de que, o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro. Dessa maneira, desconhece outras formas do conhecimento humano que não possam ser comprovadas cientificamente. Podemos nos arriscar a dizer que ele reduz o papel do homem a um mero coletor de informações e fatos, estes seriam entendidos por conta própria a partir de sua sistematização.

O criador da filosofia Positivista foi o francês Auguste Comte, na primeira metade do século XIX. O Positivismo surge como uma reação ao idealismo e ao romantismo, no qual os sentimentos individuais e coletivos são completamente ignorados pelos positivistas devido a sua subjetividade. A experiência humana para os positivistas deve estar fundada no conhecimento dos fatos observáveis e não nas considerações das causas dos fenômenos naturais, sejam eles vindos de Deus ou da natureza. A ideia é que devem se ater a fatos concretos e passíveis de observação. Segundo Comte (1978, p. XI): “O estado positivo caracteriza-se pela subordinação da imaginação à observação. Cada proposição enunciada de maneira positiva deve corresponder a um fato, seja particular, seja universal.”

O lema positivista é *L'amour pour principe et l'ordre pour base; le progrès pour but*³. Essa ideia de ordem e progresso inspirou o lema da bandeira nacional brasileira, pois, vários dos militares envolvidos no golpe militar que depôs a monarquia e instaurou a República eram seguidores das ideias positivistas de Comte. O lema passaria a imagem de uma sociedade mantida em ordem e um Brasil justo e progressista. Para Comte a ideia de progresso está acompanhada da ideia de ordem.

Brennan preza pela ordem da sua vida e do seu trabalho e nada pode comprometer seu foco. Ao examinar o corpo de uma vítima, prefere não saber seu nome, dessa forma imparcial, mantendo-se distante do seu objeto de estudo, ela acredita que as provas não serão comprometidas com subjetividades e emoções. Ao lidar com seus relacionamentos tenta quantificá-los de acordo com hormônios que o nosso corpo produz. “Acredito que dopamina e norepinefrina causam euforia por causa de disparos biológicos como odor e feições simétricas. É um indicativo de boa reprodução” Booth responde a isso de maneira emocional “talvez não admita, mas, amor não pode ser medido em laboratório”.⁴ É dessa forma, quantificando o que é possível, e, submetendo tudo e todos a experiências laboratoriais que Brennan enxerga o mundo.

Religião x Ciência

Através de séculos, ciência e religião se colocaram, ou ainda se colocam em alguns aspectos, em lados opostos da história. Mantêm uma complexa relação de disputa entre suas teorias e pensamentos. Essa posição de defesa em relação uma a outra teve início ainda nos séculos XVII e XVIII, quando foram estabelecidas as bases da ciência moderna.

A disputa entre Galileu Galilei e a Igreja Católica sobre a afirmação de quem seria o centro do Universo: a Igreja afirmava ser a Terra, enquanto, Galileu afirmava ser o Sol, foi o cerne da questão que colocou Igreja Católica e Ciência em lados opostos.

Em *Bones*, a protagonista afirma que “sistemas organizados de crenças que não se adaptam a mudanças deixam de ser uma religião para ser um sistema metafórico de mitos. Isto é, ninguém mais adora Odin ou Zeus”⁵. Ela deixa bem claro, essa

³ Amor como princípio e ordem como base; progresso como meta.

⁴ Episódio 2x20 – O mistério dos ossos brilhantes.

⁵ Episódio 2x17- A Razão.

incompatibilidade entre religião e ciência devido a posição de inflexibilidade adotada por parte da Igreja Católica.

Outra questão que põe ciência e religião em lados opostos diz respeito às duas teorias sobre a origem do Universo e do Homem: A *Teoria Criacionista*, adotada pela teologia judaico-cristã, que explica a origem do Universo baseado em textos bíblicos e recusa em aceitar a fundamentação da *Teoria Evolucionista*, adotada pela ciência, que propõem que o Universo e os seres vivos sofreram mutações graduais, o que provocou a formação de novas raças e novas espécies.

Brennan não admite a crença no que não pode ver, portanto tece duras críticas a tudo o que é místico, em determinada conversa com um padre ela diz: “um homem que crê num super ser invisível quer me dar conselhos?”. Diante dessa colocação, Booth responde: “a propósito 90% das pessoas acreditam em Deus”. E ela contra-argumenta dizendo que “também já acreditaram que o sol girava em torno da terra”.⁶ Essa visão extremamente positivista das coisas faz com que ela se feche a qualquer outra possibilidade de experiência que não possa ser testada em laboratório.

Para Brennan a crença em um ser que se diz superior e que não pode ser quantificado ou analisado é algo fora de cogitação. O mundo sobrenatural a assusta e ela usa isso como um escudo de proteção devido a toda sua história de vida: o fato de ter sido abandonada pelos pais aos quinze anos de idade, refletiu diretamente na sua personalidade. Dessa forma ela atribui à ciência o crédito de todas as explicações para os acontecimentos e fatos existentes na sociedade e se estes não forem passíveis de observação e quantificação não são merecedores de confiabilidade.

3. A História como ciência

História é ciência? A velha discussão parece ainda levantar muito debate nos meios acadêmicos. A negação da História como ciência envolve também a negação de boa parte das ciências naturais.

Se pensarmos em uma ciência no sentido mais restrito da palavra de adquirir conhecimento através da repetição de fatos, a História não se enquadraria por ser ela a protagonista de acontecimentos singulares, não podendo estes serem repetidos como forma de mensurá-los. Nesse sentido afirma Áries Philippe que:

⁶ Episódio 2x17- A Razão.

Em história, não podemos repetir a experiência; na verdade, não podemos nem fazer uma experiência. Contentamo-nos com reconstituir uma experiência única e ingênua, segundo o testemunho de atores inconscientes de seu papel de sujeitos e de observadores; e, além disso, temos o direito de dar o nome de experiência aos dramas que os homens viveram totalmente. (1989, p. 223)

No entanto, no seu sentido mais amplo, ciência refere-se a qualquer conhecimento sistemático que busca o conhecimento humano de funcionamento da realidade. Nesse sentido a História se enquadra dentro das ciências naturais encarregadas de estudarem os aspectos sociais do mundo humano. Diante da importância adquirida pelas ciências naturais ao longo do último século Hobsbawm afirma que:

Nenhum período foi mais penetrado pelas ciências naturais nem mais dependentes delas do que o século XX. Contudo, nenhum período, desde a retratação de Galileu, se sentiu menos à vontade com elas. Este é o paradoxo que tem de enfrentar o historiador do século. (2009, p. 504)

A história, portanto, seria a ciência que observa, problematiza e analisa as transformações e os fatos históricos e sociais. Fatos que estão em constante mutação, e que, levam o novo historiador a olhá-los não mais como meros acontecimentos dados em certo momento histórico, mas sim como produto de uma realidade em constante transformação, onde ele também é o seu protagonista.

Dessa forma, esse novo historiador consegue se manter distante dos fatos? Na perspectiva positivista, sim. Contudo, atualmente, discutimos uma história problema e não apenas uma história narração, na qual, a função do historiador seria a de mero recuperador dos fatos, os quais seriam posteriormente narrados como verdades absolutas. Reis diz que:

Os fatos falam por si e o que pensa o historiador a seu respeito é irrelevante. Os fatos existem objetivamente, em si, brutos, e não poderiam ser recortados, mas sim apanhados em sua integridade, para se atingir a sua verdade objetiva, isto é, eles deverão aparecer “tais como são”. (2004, p.18)

Uma história científica produzida por um sujeito totalmente neutro em relação ao seu objeto, ou seja, os fatos sociais parecem não se sustentar mais na sociedade contemporânea. O historiador é humano e sua humanidade o torna um ser subjetivo que carrega consigo valores, pensamentos e ideologias que podem influenciar diretamente o seu olhar crítico. Conforme Cardoso:

A história se apresenta hoje, como uma ciência em plena evolução. As certezas, ou verdades “definitivas” da historiografia positivista, pertencem ao passado e o fato de tal concepção da história manter-se em certos países, em função do atraso, da inércia ou falta de informação, não a torna menos superada. (1983, p.39)

Para os positivistas essa interação entre sujeito/objeto não era possível. O historiador devia manter-se a margem do seu objeto. “Ao historiador não competia o trabalho da problematização, da construção de hipóteses, da reabertura do passado e da releitura dos seus fatos”. (Reis, 2004, p.29). Tínhamos dessa forma o historiador observador, e, para nos utilizarmos da expressão de Reis, observador de “coisa que fala por si”.

4. Conclusão

O positivismo está presente de forma evidente nos pensamentos, nas falas e nos atos da personagem principal e a ideia de a ciência ser infalível é o fio mestre que conduz o seriado.

Brennan é intelectualmente brilhante, porém excessivamente focada no seu trabalho, além de não ser muito sociável. Isso resulta em consequências para a sua vida pessoal, que fica reduzida a uma visão de mundo onde tudo é interpretado com base nos experimentos do seu laboratório.

Além do mais a personagem parece não compreender as gírias, as ironias e alguns elementos iconográficos da cultura e mídia popular. Detém-se ao uso de jargões científicos e técnicos de sua profissão. Exclui-se de todo o ambiente para manter um objetividade compulsiva nos resultados de suas pesquisas.

Sua falta de traquejo social é bem mais acentuada durante as primeiras temporadas. No entanto ao longo dos episódios descobrimos uma Brennan sensível, capaz de compreender que existem coisas que não podemos comprovar cientificamente, mas, apenas aceitá-las e entendê-las:

Quando eu vejo efeitos e não posso discernir a causa, minha fé na razão e nas consequências é abalada. $2+2=4$. Ponho açúcar no meu café e ele fica doce. O sol nasce porque o mundo gira. Essas coisas são belas para mim. Há mistérios que eu nunca entenderei, mas para onde quer que eu olhe, vejo provas de que para todo efeito há uma causa correspondente, mesmo que eu não possa vê-la. Acho isso tranquilizador. (Episódio 5x14 – O diabo nos detalhes)

Apesar de continuarmos acreditando nas causas e efeitos existentes para todos os atos, não podemos deixar de lembrar da já citada frase de Sheakespeare que “Há mais mistérios entre o céu e a Terra do que supõe a tua vã filosofia”. Esses mistérios seriam tudo aquilo que não podemos entender, porém, sabemos que existem.

Na história também existem “mistérios” que muitas vezes foram explicados por determinismos biológicos de raças, mas que não puderam ser aceitos de maneira lógica por todos. Tivemos alguns fatos cruéis e até mesmo desumanos que apesar de sabermos que existiram não podemos compreendê-los de forma lógica e racional. Nem tudo pode ser mensurável em laboratório, no entanto, devemos compreender que uma boa hipótese existe porque contraria um fato.

Referências Bibliográficas

ARIÉS, Philippe. **O Tempo da História**. Trad. Roberto Leal Ferreira. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. (coleção ciências sociais)

BONES. Criador: Hart Hanson. Produtores executivos: Hart Hanson, Sthefen Nathan e Barry Josephson. Elenco: Emily Deschanel (*Dr. Temperance Brennan*), David Boreanaz (*Agente Especial do FBI Seeley Booth*), TJ Thyne (*Dr. Jack Hodgins*), Michaela Conlin (*Angela Montenegro*), Tamara Taylor (*Dra. Camille Saroyan*) e John Francis Daley (*Dr. Lance Sweets*). Gênero: Drama policial. Quantidade de temporadas: 5. Produzido por: Josephson Entertainment e 20th Century Fox. Exibição: 2005-2010.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. [trad. J. Guinburg e Cristina Silveira da Mota]. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. BRIGNOLI, Héctor Cardoso Pérez. **Os Métodos da História**. [Trad. João Maria]. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983 – 3ª edição.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; [traduções de José Arthur Gionnetti e Miguel Lemos. _ São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

GOLDFARB, José Luís. **Ciência x Galileu: relendo Galileu**. Aventuras na História. Edição 78, janeiro de 2010. P.34.

HOBBSAWN, Eric J. **Feiticeiros e Aprendizes: as ciências naturais**. In: Era dos Extremos: o breve século XX; Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Isaac Epstein – **Criação e evolução**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/200407/reportagens/15.shtml>. Acesso em 10 de junho de 2010.

REIS, José Carlos Reis. **A História entre a Filosofia e a Ciência**. 3ª ed. Editora Autêntica, 2004.